



HERANÇA CULTURAL AFRO-GONZAGUENSE

Carla Milena Miranda Carvalho



São Luís

2021



Capa

Matheus Henrique Cavalcante dos Santos

Texto

Carla Milena Miranda Carvalho

Edição e Montagem

Carla Milena Miranda Carvalho

Pesquisa iconográficas e Imagens

Carla Milena Miranda Carvalho

Revisão

Prof^ª. Dr^ª. Viviane de Oliveira Barbosa

Esta obra foi elaborada como produto educacional do Mestrado Profissional em História/PPGHIST da Universidade Estadual do Maranhão/UEMA, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Viviane de Oliveira Barbosa.



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

PPGHIST
Programa de Pós-Graduação em História - UEMA

Carvalho, Carla Milena Miranda.

Herança cultural afro-gonzaguense / Carla Milena Miranda Carvalho. – São Luís, 2021.

40 f.; il.

Produto Educacional da Dissertação - A cultura afro-brasileira vai à escola: valorização do legado africano no Centro de Ensino Nazaré Ramos.

Orientação da Profa. Dra. Viviane de Oliveira Barbosa.

1. Ensino de História. 2. História e Cultura Afro-Brasileira. 3. Centro de Ensino Nazaré Ramos. 4. São Luís Gonzaga. 5. Maranhão. 6. Cartilha Educativa I. Título.

CDU 316.35.023.4(812.1)(072)

“A herança cultural afro-brasileira é um dos maiores legados que deve ser valorizado”.

Carla Milena Miranda Carvalho



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO	8
2. HERANÇA CULTURAL AFROGONZAGUENSE	10
2.2 Comunidade Quilombola Promissão Velha	15
2.3 Comunidade Quilombola Santo Antônio do Costa	17
2.5 Dança	22
2.6 Culinária	25
2.7 Religião	27
2.8 Plantas Medicinais	30
2.9 História oral contada pelos mais velhos	31
3. INTELECTUALIDADE AFRO-GONZAGUENSE	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
SOBRE A AUTORA	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
REFERÊNCIAS DAS ENTREVISTAS	40

APRESENTAÇÃO

Aos caros colegas de trabalho, professores e professoras do Centro de Ensino Nazaré Ramos, a cartilha educativa “Herança Cultural Afro-Gonzaguense” tem uma contribuição ímpar para a nossa história local, abordando vários aspectos, como dança, religião, música, culinária, intelectualidade, entre outros, de forma sucinta, porém didática, que sirva de apoio para a ministração de nossas aulas.

É raro e quase inexistente um material de apoio pedagógico que se dedique à história local. Dessa forma, este material surge devido à carência de materiais voltados à história e cultura gonzaguense, com a finalidade de conhecermos melhor a nossa história, a nossa cultura, o legado dos africanos e seus descendentes, servindo de aporte para os (as) professores (as) e buscando contribuir para a ampliação e aprofundamento do conhecimento dos alunos.

Este produto representa um processo construtivo e reflexivo para nortear práticas educativas em referência à herança cultural afro-brasileira, ensejando um trabalho de consciência histórica, uma compreensão e autoconhecimento sobre si mesmo.

A maioria das escolas ainda vive uma prática monocultural, com um sistema educacional baseado em uma única visão cultural, notadamente europeia, reproduzindo preconceitos e formas de discriminação na sala de aula e no espaço escolar.

Este material que agora vocês têm em mãos tem o objetivo de contribuir e amenizar a escassez de materiais que tratam sobre o tema da história e cultura afro-brasileira, frequentemente inexistente ou contado sob uma perspectiva europeia, suprimindo a história daqueles grupos, dos seus ancestrais, da sua territorialidade, pontos importantes que contribuem também para a afirmação da identidade étnica a qual pertencemos.

Um ensino de História mais equitativo e humano é o nosso desejo! Espero que gostem deste material!

Carla Milena Miranda Carvalho

(Profa. de História do Centro de Ensino Nazaré Ramos)

MEU NOME É CUXÁ

*Eu vi passar;
Eu vi a minha história passar por mim
como se não fosse minha;
Verdades e inverdades foram ditas
e atribuídas a mim;
Lendas, costumes e crenças,
e quando me dei conta, viraram verdades,
Mas, nessa saga muitos do que dizem,
não faz parte de mim;
A começar pelos meus nomes;
Paíós, São Luís Gonzaga,
Vila Machado e Ipixuna;
Ipixuna foi a mim atribuída pelos índios;
Vila de Machado pelos brancos;
São Luís Gonzaga pelos Padres;
E paíós pelos negros;
Outra inconformidade é sobre minha idade;
Eu não sou de 1854 e muito menos de 1844.
E por que a era dos índios não consta na história?
A minha idade é a mesma da primeira semente de Cuxá
plantada nesse chão;
E quando a semente germinou e a folha rompeu a terra;
Cá eu estava gerada;
E quando a haste sustentou a flor eu gritei:
- sou eu – olhem por mim!
E carregada por colibri cai em terra boa
e germinei por todos esses campos;
E foram os homens de mãos calejadas
que cuidaram de mim;
Portanto, eu sou filho de índios e de negros;
E meu nome não é derivado de palha, de machado,*

*de Santo, de rato ou Igarapé;
Meu nome é Cuxá, eu sou “Terra do Cuxá”.*

J. GOMES
Escritor Gonzaguense

INTRODUÇÃO

A história europeia vem sendo, historicamente, apresentada de forma profunda nos currículos brasileiros, em contrapartida, a África veio sendo invisibilizada no cenário nacional, vista de maneira estigmatizada e distorcida, o que influenciou negativamente o imaginário brasileiro sobre a herança africana local. Essa realidade tem mudado há alguns anos, porém, no ensino, é constante a necessidade de afirmarmos documentos como a Lei 10.639/03, as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais, que são frutos de inquietações e demandas de movimentos negros organizados e de pesquisadores. Geralmente, o currículo trabalhado em sala de aula ainda dedica pouca atenção à cultura africana e afro-brasileira.

A escola tem um papel preponderante no contexto de formação para a cidadania, podendo trabalhar o fortalecimento de identidades e de direitos que culminam com ações educativas de combate ao racismo e a todo tipo de discriminação. Através do chão da escola são socializados saberes e compreensões sobre aspectos políticos, sociais, culturais, religiosos, fundamentais para o bom exercício de uma consciência crítica, cidadã e humanitária.

Este produto didático tem a pretensão de contribuir para a valorização da cultura afro-brasileira nos espaços escolares, especialmente quanto ao legado africano na história e cultura de São Luís Gonzaga do Maranhão. Trata-se de uma iniciativa pedagógica diante da constatada carência da história local nos manuais didáticos fornecidos às instituições educacionais no Brasil e, portanto, do interesse em contemplar uma história voltada a outros sujeitos e personagens, normalmente invisibilizados pela história única.

Uma das tentativas é fazer com que alunos do Centro de Ensino Nazaré Ramos conheçam e reflitam sobre sua realidade e sua história, não sob um cunho eurocêntrico, mas de uma perspectiva afro-brasileira. A maioria desses estudantes reside em territórios remanescentes de quilombos, mais um motivo para reforçar a implementação da Lei 10.639/2003 e da Educação para as Relações Étnico-Raciais neste espaço educacional. Esta cartilha pode contribuir para o reconhecimento de seu entorno, de sua cultura, a fim de compreender inclusive a sua própria identidade e de reforçar o respeito humano à diversidade.

1. HERANÇA CULTURAL AFRO-BRASILEIRA

A África é considerada o berço da humanidade, lá surgiram os primeiros povos. Sabe-se que a humanidade teve seu início neste continente onde as grandes transformações geraram o ser humano atual e o desenvolvimento civilizatório.



Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/africa/17310/africa-berco-da-humanidade-e-da-civilizacao>

Os africanos ao virem para o Brasil trouxeram aspectos que influenciam a cultura brasileira contribuindo para várias expressões culturais aqui existentes.

Foi do continente africano que vieram nossas origens e todos os elementos que compõem a nossa formação gerando o caldeirão cultural que é o Brasil.

Os escravizados africanos e seus descendentes influenciaram em profundidade a formação cultural do país, desde a época em que o Brasil ainda era colonizado por Portugal.



Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/cultura/cultura-africana.htm>

Raros são os aspectos de nossa cultura que não tenham sido moldados com a colaboração da mão afro-brasileira.

Na religião, música, dança, alimentação, língua, temos a influência negra, apesar da repressão que sofreram as suas manifestações culturais mais cotidianas.

No pensamento intelectual, os afro-brasileiros foram também importantes e significativos, como demonstram a trajetória de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Mundinha Araújo, Luiz Alves Ferreira, Milton Barbosa, dentre muitos outros.

2. HERANÇA CULTURAL AFROGONZAGUENSE

Toda essa herança cultural africana se espalhou por todo o Brasil, trazendo uma variedade de expressões culturais de diferentes aspectos e origens que influenciam regiões, estados e cidades brasileiras, a exemplo de São Luís Gonzaga do Maranhão, município com várias comunidades quilombolas, lugar de história e muitas memórias negras.



Cultura Africana

Citamos algumas regiões remanescentes de quilombos: Pedrinhas,

Disponível em: [https://enem.estuda.com/blog/id-6047/estude a heranca da cultura africana para o brasil](https://enem.estuda.com/blog/id-6047/estude-a-heranca-da-cultura-africana-para-o-brasil)



Mapa do Maranhão

Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_Gonzaga_do_Maranh%C3%A3o

Santana, Morada Nova dos Deusdeth, Morada Velha, Monte Cristo, Potó Velho, Mata Burro, Santo Antônio dos Vieiras, Boa Esperança, Boa Vista dos Freitas, Boa União, Centro dos Rodrigues, Centro Velho, Cipó, Coheb, Fazenda Conceição, Fazenda Velha, Jacarezinho, Monte Alegre, Monte Cristo, Monte Videl, Olho D'água dos Grilos, Potozinho, Promissão, Santa Cruz, Santa Rita, Santa Rosa, Santana, Santarém, Santo Antônio do Costa, São Domingos do Castro, São João do Janssem, São Pedro, Centro dos Cruz, Oratória, Promissão Velha, dentre outras.

Todas as comunidades citadas atestam a ancestralidade africana e formas de resistência e luta contra opressões históricas vividas.

São Luís Gonzaga do Maranhão fica localizado geograficamente na microrregião do Médio Mearim, entre as cidades de Bacabal e Pedreiras, distante 250 km da capital maranhense. O município possui atualmente, uma área de 968,574 km² e população de 20. 153 pessoas de acordo com o último censo (2010). (BONFIM, 2015, p. 15).



Fonte: arquivo pessoal

Há 26 comunidades quilombolas no município, as quais se encontram localizadas na zona rural. Vinte delas estão certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Todas símbolo da Herança Cultural Afro-brasileira e também gonzaguense.



Município de São Luís Gonzaga

2.1 Comunidade Quilombola Monte Cristo

A Comunidade Quilombola Fazenda Velha/Monte Cristo, está localizada neste município e fica a cinco quilômetros (5km) da cidade.



Fonte: arquivo pessoal

Constitui-se por aproximadamente trezentas famílias. O antigo nome da Fazenda Velha se originou porque no passado existiu uma

feitoria onde os escravizados trabalhavam. Recentemente foram encontrados artefatos que estão atualmente no museu afro da cidade. Anos atrás existia um açude usado para o abastecimento de água que hoje encontra-se seco, inativo. Segundo relato de Francisca dos Santos Silveira, o seu pai Pedro Sousa Silveira “fez uma promessa para mãe d’água

Açude



Fonte: arquivo pessoal

e Santa Marcelina para que naquele local minasse água com a finalidade de consumo para os animais que criava, e se lá jorrasse água ele iria realizar uma festa comemorativa com tambor de crioula”. Visto que naquele lugar surgiu água, tem-se ali um brejo com água límpida e que até os dias atuais nunca esgotou. A comunidade Fazenda Velha/Monte Cristo, está localizada na Gleba PA: Monte Cristo, área de assentamento do INCRA, cujas

Brejo



Fonte: Arquivo pessoal

terras ocupadas pelos habitantes da comunidade corresponde a cerca de 380 hectares. A população passou por muitas lutas para conseguir obter o direito de posse das terras e

Artefatos



Fonte: Arquivo pessoal

assim ter onde morar e trabalhar.

A comunidade já se encontra certificada pela Fundação Cultural Palmares desde 09 de dezembro de 2008, seu código no IBGE é de nº 2111409.

Encontra-se organizada através da Associação São Francisco dos Trabalhadores e

Trabalhadoras Rurais. O levantamento dos domicílios revela que, mesmo tendo recebido projeto de melhorias de habitação, ainda existem casas de taipa, não revestidas, cobertas de palha, e em um mesmo cômodo às vezes mora no mesmo domicílio mais de uma família.

Referente ao aspecto econômico, o sustento das famílias vem sobretudo da roça e

Comunidade Monte Cristo



Fonte: arquivo pessoal

do extrativismo vegetal (quebra de coco babaçu) e o aproveitamento da casca para o carvão. A roça é mantida pela família e o principal cultivo é de

arroz e mandioca, transformada em farinha, Cultiva-se também milho, feijão e banana. Criam-se galinhas, porcos, patos, capotes que servem para auto consumo.

A renda per capita por pessoas varia de R\$ 120,00 a 3.000,00. O programa Bolsa Família e Auxílio Emergencial beneficiam cerca de 190 famílias.

O abastecimento de água é feito por dois poços artesanais adquiridos através de projetos, na maioria dos domicílios a água é canalizada. Em poucos casos existem banheiro com fossa séptica, ainda é comum o uso de uma casa pequena no quintal que serve de privada. A energia é obtida por rede, e em todos os domicílios a iluminação é elétrica.

Existe um prédio escolar municipal com três salas de aula, uma cantina e dois banheiros e atende os alunos da educação infantil (1º ao 5º ano), no horário matutino, turma regular sem referência a educação quilombola.

Não existe posto de saúde na comunidade. O agente comunitário de saúde é o único profissional que visita as famílias e faz o levantamento necessário de pesagem, vacinação, por exemplo. Quando precisam de assistência médica, deslocam-se até a cidade ou recorrem à medicina alternativa.

Entre as expressões culturais e religiosas se destacam o candomblé que chegou ao Brasil com os negros escravizados, nele cultua-se como ser superior *Olorum* (senhor do céu) a divindade suprema que não tem representação material. Os orixás junto com *Olorum*, proporcionam apoio espiritual ao fiel, ao povo santo. As divindades têm características humanas e os fiéis características divinas.

Tambor de mina que acompanha o calendário santoral católico costumam incluir três noites de toques. Na mina geralmente se dança, à noite toda com a mesma entidade. É uma religião de possessão, onde os iniciados recebem entidades espirituais cultuadas pelo seu pai de santo em rituais conhecidos como tambor.

Bumba meu boi Zumbi dos Palmares que tem influência das culturas africana, europeia e indígena.

Tem como destaque na comunidade, as festas realizadas no terreiro Santa Marcelina pela Mãe de Santo Iracema juntamente com outras mães e pais de santos de outros terreiros em homenagem aos orixás. Porém, a religião católica é a predominante na

comunidade e existe na comunidade uma igreja Assembleia de Deus. Em sua, há uma

Mãe de Santo Iracema



Fonte: arquivo pessoal

diversidade de práticas religiosas na comunidade.

2.2 Comunidade Quilombola Promissão Velha

A Comunidade Quilombola Promissão Velha distante vinte quilômetros (20km) da
Vista da Comunidade Quilombola Promissão Velha



Fonte: arquivo pessoal

zona urbana. Houve muitos conflitos para que as famílias conseguissem o direito de posse

das terras na região. O território foi certificado pela Fundação Palmares e tem aproximadamente 17 famílias.

A origem dos recursos para a subsistência das famílias é proveniente de produtos agrícolas como arroz, mandioca, quebra de coco babaçu, este último é vendido sendo a principal fonte de sustento. Criam-se galinhas, porcos e outros animais, a pesca é outra atividade importante, com predominância do consumo de peixe, como mandi, cará,

Coco babaçu



Fonte: arquivo pessoal

tambaqui. Na comunidade, existe a prática do tambor de crioula, com a apresentação de outras comunidades. No que diz respeito à religiosidade, comemoram no mês de outubro o festejo de São Benedito e, em dezembro, a Novena de Nossa Senhora da Conceição. Segundo os moradores, há um fato curioso: tentaram furtar a imagem de Nossa Senhora da Conceição, porém, quando chegaram mais adiante, em um povoado vizinho, aconteceu uma chuva e uma ventania muito forte, o que fez com que voltassem e devolvessem a santa para a capela da comunidade.

**Raimundo N. Costa (Juçara) -
Tambor de crioula**



Fonte: arquivo pessoal

As casas na comunidade em sua grande maioria são de taipa, coberta de palhas. Os habitantes vivem como descendentes de africanos, cultuam suas raízes ancestrais, tentando manter seu modo de vida simples

e em contato com a natureza. Vivem em condições precárias devido à falta de recursos essenciais para a existência.

Capela da Comunidade



Fonte: arquivo pessoal

2.3 Comunidade Quilombola Santo Antônio do Costa

A comunidade Santo Antônio do Costa, certificada pela Fundação Palmares no dia 23 de abril de 2008, localiza-se a dez quilômetros (10 km) da sede do município de São Luís Gonzaga do Maranhão. Originou-se da Fazenda dos senhores Natinho e Dideus e houve conflitos quanto à demarcação de suas terras. A referida comunidade é representada através de uma Associação denominada Santo Antônio dos Trabalhadores e

Trabalhadoras Rurais Quilombolas, a qual se encontra legalizada com registro em cartório e CNPJ.

Atualmente a comunidade é constituída por 215 famílias (IBGE, 2011). As famílias já foram beneficiadas com diversos projetos (habitação, energia, poço artesiano, crédito para os investimentos na criação de animais e outros) advindo através do Sindicato dos

Comunidade Quilombola Santo Antônio do Costa



Fonte: arquivo pessoal

Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de São Luís Gonzaga. A maioria dos domicílios agrega uma única família. Após a melhoria na infraestrutura habitacional, as casas são de alvenaria, com ou sem revestimento, piso de cimento e cobertas por telha.

Quanto à educação, existe uma escola no povoado Vale Verde, que atende alunos do 1º ao 5º ano e, na própria comunidade, uma Escola Família Agrícola, que atende alunos do Ensino Médio.

As famílias recebem atendimento médico, odontológico no posto de saúde de uma comunidade vizinha.

A maioria das famílias sobrevive do trabalho agrícola e do extrativismo vegetal (quebra de coco babaçu), da criação de animais, da aposentadoria e do salário de alguns funcionários públicos municipais.

Cemitério Camará

O trabalho da roça é feito pelas próprias famílias e, na época do plantio e da colheita, fazem-se mutirões para colaborar com a família que está precisando, numa lógica de partilha com os vizinhos quilombolas.

Como não há posto de saúde próximo à comunidade, os moradores sempre recorrem a parteiras para realizar os partos. Na comunidade, há uma prática constante de enterrar o umbigo do recém-nascido no quintal. A maioria da população afirma uma ancestralidade africana, reforçando essa herança em sua cor de pele, o cabelo e o trabalho de oralidade na contação de história a crianças e adolescentes, bem como a uma preocupação em

Cemitério Camará



Fonte: arquivo pessoal

Igarapé da Mata



Fonte: arquivo pessoal

rememorar e visitar espaços sagrados, como o Cemitério Camará, onde estão enterrados

seus ancestrais, fundadores dos quilombos, o brejo, espaço de encantaria protegido por uma poça d'água que nunca seca, uma moita de espinhos que ninguém nunca deve tocar, e ainda o Igarapé da Mata, local usado para pesca, onde, segundo os moradores há alguns encantos que protegem esse lugar.

Na culinária estão presentes o cuxá, bolo de milho, macaxeira, quiabo, melancia, fava e farinha de puba (o alimento mais consumido), oriundos da produção de suas roças.

Utilizam várias plantas medicinais, uma sabedoria curativa que foi transmitida de geração a geração como o uso da folha de mamão, de ata, capim limão, aroeira, gergelim, pião roxo e branco, dentre outros.

As expressões culturais são ligadas ao tambor de crioula e a festas populares com radiolas de reggae, que acontecem constantemente. No que diz respeito à religião, pratica-se o tambor de mina e na comunidade existem alguns terreiros. Comemora-se o festejo de Nossa Senhora da Conceição: “lembro que aos 06 anos de idade no festejo de Nossa Senhora da Conceição que se realiza nos dias 07 e 08 de dezembro meus avós me levaram de jegue para a procissão à tarde e, à noite, era a festa”, disse uma moradora.

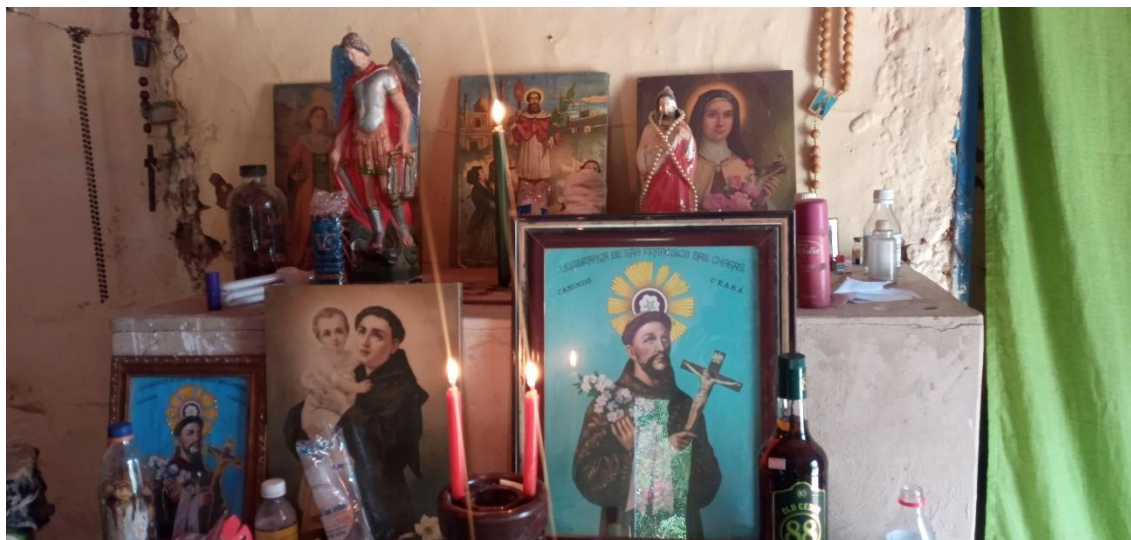
Na comunidade o aspecto religioso é bastante diversificado. Uns praticam a religião cristã (catolicismo ou protestantismo), outros praticam culto aos orixás. Existe uma igreja católica, duas evangélicas e uma casa de oração, além de dois terreiros de matriz africana



Fonte: arquivo pessoal

o de Santa Bárbara e outro de São Miguel, que se festeja em setembro.

Santos do Centro Espírita São Miguel



Fonte: arquivo pessoal

2.4 Museu Afro-Gonzaguense

Museu Histórico Afro-Gonzaguense Ivaldo da Silva Ribeiro



Fonte: arquivo pessoal

Para preservar o acervo histórico dos quilombolas de São Luís Gonzaga do Maranhão a Prefeitura e a Coordenadoria Racial do município programaram ações para preservar as relíquias encontradas em territórios quilombolas, dando origem ao Museu Histórico Afro-Gonzaguense Ivaldo da Silva Ribeiro, que recebeu esse nome em homenagem a um lavrador que foi eleito vereador da cidade e que lutou por melhorias como: assistência, escolas rurais, nomeação de professores, apoio ao homem do campo, construção da estrada ligando a zona urbana à zona rural (São João do Jansen) e asfaltamento da MA, São Luís Gonzaga ao Santo Antônio (MA 247).

O museu foi inaugurado no dia 20 de novembro de 2011 e nele encontram-se objetos materiais encontrados nas comunidades onde existiram senzalas, feitorias e casa grande, denominação dada aos locais em que viviam os escravizados da época.

O museu hoje é símbolo de preservação da história e da memória dos escravizados e da cultura negra aqui existente. É importante instrumento de preservação da memória cultural desse povo, é parte de seu patrimônio material.

Artefatos



Fonte: arquivo pessoal

2.5 Dança

Entre as manifestações culturais se destaca o Bumba meu boi, tambor de punga ou crioula que é uma dança de origem africana praticada por descendentes de escravos africanos em louvor a São Benedito, um dos santos mais populares entre os negros. Em 2007, o tambor de crioula ganhou o título de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro.

Bumba meu boi



Fonte: arquivo pessoal

Maria Neuza Lopes - Tambor de Crioula



Fonte: arquivo pessoal

A comunidade busca resgatar danças que considera tradicional, como a mangaba, dança com o toque dos tambores, ao som do batuque de instrumentos como caixotes de madeira, tambores de couro, acompanhados por cantigas de repente e improviso que falam sobre o cotidiano do homem da roça, seus costumes, natureza, convívio familiar e comunitário.

O reggae também faz parte da cultura gonzaguense, um ritmo jamaicano que conquistou o Maranhão há décadas, ganhou características próprias e já faz parte da identidade local nos corpos, nas roupas, na dança. Nos finais de semana, especialmente

Dançarinos do reggae

na



Fonte: arquivo pessoal

zona rural acontecem festas de radiola de reggae, reunindo diversas pessoas das regiões circunvizinhas.

A capoeira é uma dança, uma arte, uma luta. Segundo os seus estudiosos a capoeira é de origem brasileira, foi concebida no Brasil pelos negros escravos.

A luta de defesa pessoal, que é reconhecida também como dança, foi desenvolvida por escravos africanos trazidos ao Brasil. À capoeira é disputada por duas pessoas que se defrontam no meio de uma roda formada por outros capoeiristas, ao som de palmas e berimbaus. O objetivo do jogo é derrubar adversários.

O berimbau, principal instrumento que proporciona o som característico da capoeira, é construído por um pedaço de pau, um pedaço de arame e uma cabaça. A base do jogo é a ginga, pois essa é uma importante forma de ataque e defesa do capoeirista. Na roda de capoeira o praticante manifesta seu conhecimento e desenvolvimento sobre a atividade.

Atualmente em nossa cidade poucos praticam a capoeira pelo fato de muitos capoeiristas terem ido para outros estados em busca de uma vida melhor. Antes existia uma escolinha que ensinava os alunos a desenvolver essa prática, bem como havia um projeto escolar com o objetivo de ensinar os alunos da escola municipal.

A capoeira que faz parte de um conjunto dos grandes ícones contemporâneos representativos da identidade cultural, mas que por muito tempo foi proibida e perseguida.

Assim, os negros fugiam da senzala na época da escravidão para outras senzalas com o objetivo de dançarem, praticarem a capoeira, se divertirem e cultuarem seus santos, algo proibido na época. Na madrugada voltavam apressados para que ao amanhecer já

Prática de capoeira



Fonte: arquivo pessoal

estivessem preparados para a labuta diária.

2.6 Culinária

A culinária gonzaguense é uma adaptação de pratos de origem africana e que hoje é uma das grandes expressões da herança gastronômica da cultura negra.

Alguns alimentos trazidos da África para o Brasil são aqui consumidos, como o café, o leite de coco, o quiabo, o amendoim, a pimenta malagueta, a mandioca, o peixe frito, feijoada, mocotó, sarapatel, azeite de coco e cuxá (que por conta do seu grande consumo a cidade recebeu o nome de terra de cuxá, sendo tema de uma obra de José Gomes da Silva por ser reconhecido tanto pelos habitantes como um prato típico da

Cuxá



Fonte: arquivo pessoal

cidade).

Com sua bagagem cultural, os negros logo criaram adaptações para preparar os pratos africanos, reinventando e transformando a arte de cozinha disponível por aqui.

Culinária



Fonte: arquivo pessoal

Tem-se na comunidade quilombola Vale Verde a produção de diversos tipos de bolos, como de macaxeira, de milho, de arroz, tapioca e puba, tanto para o seu consumo quanto para comércio.

Esse movimento da cultura quilombola, lutando para se manter viva, tentando se adaptar perante as terríveis condições, funciona como um veículo da ancestralidade e fortalece a reconstrução de identidade.

Forno de assar bolo



Fonte: arquivo pessoal

Forno de tapioca



Fonte: arquivo pessoal

2.7 Religião

As religiões afro-brasileiras surgiram após fusão da cultura de diversos povos africanos trazidos ao Brasil entre os séculos XVI e XIX. Possuem influência de visões religiosas vindas da Europa, como o catolicismo e o kardecismo. Além disso, possuem características específicas em cada região do país, aderindo formas diferentes umas das outras, inclusive em suas denominações. As que mais se destacam em São Luís Gonzaga do Maranhão, são o Candomblé e a Umbanda.

O candomblé é uma herança cultural, religiosa e filosófica africana que foi reformulada e adaptada. Tem como função o culto às divindades, que são representantes pelas forças e pelo poder da natureza que são chamadas de Orixás.

No candomblé, os Orixás são deuses supremos, possuindo habilidades e personalidades diferentes, assim como as formas de rituais. Estes também escolhem as pessoas que utilizam para incorporar no ato do nascimento, podendo compartilhá-lo com outro Orixá, caso necessário.

Por sua vez, a Umbanda é uma junção de diversas práticas religiosas indígenas junto àquelas que chegaram ao Brasil, como o catolicismo, o espiritismo e as religiosidades

africanas. Bastante confundida com o Candomblé, a Umbanda possui três princípios básicos que são: fraternidade, caridade e respeito ao próximo.



Fonte: arquivo pessoal

Várias comunidades remanescentes de quilombos, assim como na zona urbana de São Luís Gonzaga, pratica-se a umbanda. Destacam-se a mãe de santo, Iracema, da Comunidade Fazenda Velha/Monte Cristo, e o pai de santo João Luís da comunidade quilombola remanescente Vale Verde/Costa.

Segundo a mãe de Santo Iracema “a umbanda é uma religião séria que não pode entrar sem ter nenhum compromisso, é preciso valorizar a religião de matriz africana”. Dentro da umbanda ela tem um trabalho prestado curando enfermidades e dependentes químicos.

Existem na comunidade vários terreiros, como no povoado Mucura e na comunidade vizinha do pai de santo João Luís. O festejo de São Benedito acontece em novembro reunindo diversos umbandistas da região, cultuam também Santa Marcelina e São Raimundo Nonato (30 de novembro a 02 de dezembro) em

homenagem aos Orixás e Santa Marcelina, considerada padroeira dos escravizados na época da feitoria.

Na comunidade Quilombola Vale Verde/Costa é realizado o festejo de São Miguel de 28 a 30 de setembro. Primeiramente realiza-se uma novena até chegar o dia 28. Nessa ocasião, vários pais e mães de santos de outros terreiros reúnem-se para praticarem o tambor da mata, que tem como uma das mais reconhecidas práticas os poderes de cura e doença no interior dos terreiros. Popularmente é conhecido como terecozeiros os que podem lançar ou curar determinados feitiços. Segundo a crença esses poderes estariam associados aos conhecimentos ocultos de indígenas, velhos africanos e outros praticantes de feitiçaria.

No terecô observamos o culto de determinados vodus e a existência de transe que são exclusivamente provocados pelos “voduns da mata”. No panteão de suas divindades,

Pai de Santo João Luís Frazão



Fonte: arquivo pessoal

os praticantes do terecô organizam os seus deuses por uma hierarquia de famílias.

Na cidade de São Luís Gonzaga também é realizada a festa do Divino Espírito Santo que acontece especialmente no Centro do Jaime, no dia 05 de janeiro, segundo a moradora da comunidade “foi feita uma promessa para curar uma pessoa que estava com tuberculose, devido a cura, começou-se a realizar essa festa todos os anos”. A festa do Divino é orientada pela espiritualidade, trata-se de um conjunto de mulheres que tocam caixa (instrumento de percussão) e cantam, comandando os rituais de festa.

Em todo território gonzaguense existem várias religiões de matrizes africanas, como tambor de mina, tambor da mata ou terecô, Divino Espírito Santo, dentre outras. A população procura resgatar e valorizar a influência e a importância dos negros e suas práticas religiosas que por muito tempo foram proibidas, tendo perseguição, mortes e violência por professarem sua fé.

2.8 Plantas Medicinais

O uso de plantas com fins terapêuticos tem sido constatado em todas as civilizações, assim como práticas de

cunho religioso. Ao longo da história, o homem sempre buscou a superação de seus males. Inúmeras etapas marcaram a evolução da arte de curar. Porém, é difícil delimitá-las com exatidão, uma vez que a arte de curar esteve, por muito tempo, associada às práticas mágicas, místicas e ritualísticas. Em todas essas etapas, as

Plantas Medicinais



Fonte: arquivo pessoal

práticas de cura utilizaram as plantas medicinais.

Muitas plantas medicinais de origem africana são utilizadas pelo município, especialmente por mães e pais de santo, pois a percepção do ser humano no Candomblé envolve o significado de axé.

Têm-se assim, o alecrim que é indicado como defumador, banho de limpeza, anti-inflamatório, a erva doce que serve para o estômago, a arruda que é uma planta abortiva, a babosa, indicado como anti-inflamatório, erva de Santa Maria que serve para doenças da pele, o maracujá, importante calmante, mangueira que serve para anemia, gripe, derrame, cajueiro indicado para gripe, capim de ciência para banho, romã para inflamação na garganta, chanana, raiz do quebra-pedra, etc.

É de suma importância a manutenção de práticas religiosas, que, ao fazer uso de plantas nativas, contribuem para a proteção das matas nas regiões ocupadas. Assim, são

presentes a tradição e o conhecimento científico de maneira que essas áreas atuem e as ações técnicas e práticas para a saúde sejam mais vantajosas.

2.9 História oral contada pelos mais velhos

A tradição oral sempre teve um importante papel na cultura africana. A maioria das informações culturais, sociais e ancestrais era transmitida oralmente, de uma geração a outra. Os mais velhos continuam sendo os responsáveis por essas transmissões.

Uma prática constante principalmente na zona rural do município de São Luís Gonzaga do Maranhão muito se escuta da boca dos mais velhos, especialmente nas áreas dos remanescentes de quilombos que criam e recriam a memória de fatos e feitos de seus antepassados, ressignificando a vida. A tradição oral pode ser vista como uma forma de ensinamentos, saberes que veiculam e auxiliam homens e mulheres, crianças, adultos e velhos a se integrarem no tempo e no espaço e nas tradições, sem poder ser esquecida ou desconsiderada, a oralidade é uma forma encarnada de registro.

Essas histórias e memórias permanecem como parte de nossa cultura, materializada em especial na literatura oral, expressa pelos mitos, lendas, provérbios e contos.

Contadoras de História da Comunidade Promissão Velha



Fonte: arquivo pessoal

Uma das lendas é a do toco preto, “contam os mais idosos dos tempos da velha Ipixuna (antigo nome de São Luís Gonzaga) que antigamente, vez ou outra, aparecia uma intrigante visagem de um toco preto no leito do Mearim. Dizem que a inusitada visão media aproximadamente 80 cm, com de diâmetro em torno de 35 cm. Diz a lenda que a enigmática aparição costumava dar sustos horríveis aos pescadores locais que com ela deparavam. Com a mesma velocidade em que se apresentava, inexplicavelmente

desaparecia, tendo em suas aparições, inclusive, provocado acidentes com embarcações que navegaram pelo local de trevas das sombrias noites de inverno” (BONFIM, 2004, p. 239)

Uma outra lenda narrada no livro Sanzaga é a do barrão mal assombrado. “No final da década de 1960/1970, um fato estranho e intrigante repetidas vezes aconteceu em nossa cidade, e deixou algumas vítimas em polvorosa e em alerta. O enigma ocorria sempre nas madrugadas de sextas-feiras, quando um estranho animal com características de cachorro e porco, de cor preta, tamanho avantajado, partia de repente para o ataque às pessoas que se aventurassem passar em certos locais em “altas horas” da madrugada. Seu ataque era voraz, sempre acompanhados de uivos ruidosos, fazendo com que as vítimas apavoradas desertassem do local com os nervos em frangalhos” (BONFIM, 2004, p. 241).

3. INTELLECTUALIDADE AFRO-GONZAGUENSE

A quase inexistência de negros(as) no meio acadêmico, em particular na condição de pesquisadores, ou mesmos na mídia, nos livros didáticos, na escrita das histórias locais, confirma a lógica perversa da exclusão social em vários âmbitos. Ou por vezes são citados, mas em visão pejorativa, conduzindo à evidencia do racismo no Brasil.

São Luís Gonzaga do Maranhão é um local conhecido como lugar de “pessoas inteligentes”, mas muitas vezes os intelectuais negros são esquecidos, assumindo destaque somente no esporte ou em atividades culturais.

É preciso desconstruir esses estereótipos, é necessário dar visibilidade e espaço ao trabalho que os negros e negras desenvolveram tendo um papel de importância e de representatividades para os demais.

Em nosso município temos destaque de pessoas negras em diversas profissões, como professores, escritores, desembargadores, advogados, médicos e outros.

Ângela Maria Moraes Salazar é uma dessas pessoas de destaque que nasceu na cidade de São Luís Gonzaga do Maranhão, em 1957, filha de Benedito Salazar e Maria da Conceição Moraes Salazar, ele pequeno comerciante e ela do lar, semianalfabetos. É a quarta de uma família de doze filhos. Coursou o Ensino Fundamental em escola pública, no município onde nasceu, e o Ensino Médio na cidade de Bacabal.

- Formou-se pela Universidade Federal do Maranhão, nos cursos de Serviço Social (2003) e Direito (1980). Em 1982, foi aprovada, em 2º. Lugar, no primeiro concurso público realizado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Maranhão, para o cargo de Delegada de Polícia Civil, tendo sido lotada em uma Delegacia Distrital.



Ângela Maria Moraes Salazar

- Em 1983, ingressou no Ministério Público do Estado do Maranhão, através de concurso público, conquistando o 9º lugar, exercendo suas atividades nas comarcas do interior do estado - Paraibano, Colinas, Pastos Bons e Barão de Grajaú. Até então, ainda não havia casado e constituído família.

Ingressou na Magistratura do Estado do Maranhão, em dezembro de 1986, através de concurso público, exercendo a judicatura nas comarcas de Vitória do Mearim, Barra do Corda, Açailândia e Pedreiras; em fevereiro de 1996 foi promovida para a capital. Ressalta-se que suas promoções, até chegar na capital, entrância final, foram pelo critério de antiguidade. Em outubro de 2013 pelo critério de merecimento, para o cargo de Desembargadora, concorrendo com 16 candidatos.

Outra pessoa que também merece destaque é o escritor José Gomes da Silva que nasceu no dia 10 de fevereiro de 1964, no extinto Povoado Centro do Bernardo. É formado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), formado em História pela Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Boa Esperança (FABIBE),

cursou Ensino Fundamental no Povoado Santa Cruz e Médio no Ginásio Bandeirante, hoje Centro de Ensino Nazaré Ramos em São Luís Gonzaga do Maranhão.



José Gomes da Silva

O primeiro emprego foi de servente armador na Construtora Mendes Junior. No ano de 1988 trabalhou no Consórcio Lagoa Santa na construção da base aérea de Alcântara. Trabalhou na Construtora Camargo Côrrea, Alcoa, Alumar em São Luís. Trabalhou na Construtora Esperança na cidade de Codó- MA. Trabalhou na construtora CIEL, ponte sobre Rio Mearim em São Luís Gonzaga do Maranhão.

Em 1994, engajou-se no grupo Juventude Socialista Brasileira (JSB), ligado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Ocupou os cargos de diretor de movimento popular e cultura, tesoureiro e coordenador.

Em 1997 tornou-se sócio fundador da Rádio Comunitária FM SUCESSO – Associação Integrada Conhecer, como membro do Conselho Fiscal. Em 30 de maio de 1997, passou no teste para locutor na Rádio FM Sucesso. Em 26 de junho, a Rádio Comunitária FM SUCESSO entrou no ar em caráter provisório. E no dia 29 de junho de 1997 estreou o programa Show da Manhã, no horário das 8h às 10h.

Em 2007 foi nomeado por concurso público municipal ao cargo de Guarda Florestal, Prefeitura Municipal de São Luís Gonzaga do Maranhão. Em 2015 ocupou cargo de Supervisor Administrativo do INSTITUTO CORPORE e na Empresa Maranhense de Serviços Hospitalares (EMSERH) do Governo do Estado do Maranhão.

É conhecido como escritor do livro “Terra do Cuxá”, lançado no ano de 2020, e da obra “A Sombra do Rio – a saga de Ipixuna”, lançado em 2020.

Podemos dar destaque à jovem Emília Costa Leite que tem sido imprescindível na luta dos quilombolas. Pertence ao quilombo Santo Antônio do Costa em São Luís Gonzaga do Maranhão. Nasceu em 18 de maio de 1992, é neta de Creuza Costa Leite, filha de Maria Regina Costa Leite. Começou a militar no Movimento Quilombola do Maranhão (MOQUIBOM) em 2014, através da Diocese de Bacabal. Atualmente é articuladora do MOQUIBOM e faz parte do grupo Mulheres Guerreiras da Resistência. Participa da Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão e é embaixadora do Cerrado Brasileiro. Por conta de sua militância já participou de várias atividades nacionais.



Emília Costa Leite

Ela assume um papel emblemático na luta dos quilombolas e em suas reivindicações pelos direitos e por cidadania, uma vez que a incorporação do quilombo na ordem jurídica não tem sido suficiente para alterar a situação em que vivem os quilombolas de expropriação de terra e de precariedade em termos de acesso a bens e serviços.

Maria de Jesus Ferreira Bringelo, conhecida como Dona Dijé, quebradeira de coco profissional e sindicalista rural. Nascida em 01 de janeiro de 1948, nasceu em Cajueiro, município de Bacabal. Aos 05 anos de idade mudou-se para Monte Alegre, município de São Luís Gonzaga – MA. Foi mãe de 09 filhos e 06 netos, sendo de origem quilombola.



Maria de Jesus Ferreira Bringelo (Dona Dijé)

Foi formada em magistério pelo pró-formação em 2003 e no mesmo ano recebeu do Ministro da Educação, Cristóvão Buarque, na gestão do ex-presidente Lula, o prêmio de incentivo a educação fundamental. Atuou há mais de 17 anos em prol da identidade das trabalhadoras rurais. Foi fundadora e coordenadora do movimento interestadual das quebradeiras de coco babaçu que integra 04 (quatro) estados brasileiros, sendo eles: Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí. Em 2010 recebeu o troféu por pertencer a esta classe.

Foi Educadora Popular formada pelo Curso Realidade Brasileira baseado na Pedagogia do maior educador do Brasil, Paulo Freire.

No dia 21 de setembro do corrente ano foi homenageada no Auditório do Anhembi, em São Paulo, na II Mostra Nacional de Práticas em Psicologia.

Em 2018 foi empossada, em Brasília, como conselheira dos povos e comunidades tradicionais, após uma luta pela regulamentação do conselho.

A líder das quebradeiras de coco começou a passar mal ainda em Brasília e pediu para voltar ao seu Quilombo de Monte Alegre, em São Luís Gonzaga, onde sofreu um infarto fulminante.

Encerrou-se em 2018 a trajetória de lutas e conquistas de Dona Dijé, onde deixou um legado para todos os gonzaguenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é o lugar de produção e reprodução de estigmas, mas também é o local de desmistificação de estereótipos e visões negativas sobre grupos sociais, desde que haja um esforço coletivo de toda a comunidade escolar colocando em pauta o que preconiza a Lei 10.639/2003. Somente a partir desse esforço haverá mudanças, a sociedade tendo conhecimento do seu legado histórico, será capaz de valorizar a cultura afro-brasileira e conseqüentemente a história e cultura afro-gonzaguense. Ademais, a história local possibilita ao aluno, conhecer e compreender o seu entorno, identificando passado e presente nos vários espaços de convivência.

O ensino de História deve superar a abordagem informativa e cumprir o que a LDB em seu art. 26 define: o ensino deve observar as características regionais e locais da sociedade e da cultura, o que abre espaço para uma construção de uma proposta de história local voltada para divulgação do acervo local dos municípios.

A proposta aqui apresentada foi viabilizada pela intenção de fazer com que os alunos e a comunidade em geral resgatem e conheçam sua cultura, sua história, ressignificando o seu olhar sobre seu pertencimento local, que é irremediavelmente conectado ao continente africano.

Acreditamos que esse produto poderá contribuir para a produção de propostas pedagógicas que valorizem a herança cultural afro-gonzaguense e, sobretudo, venha a promover uma reflexão crítica acerca da realidade social para o processo de construção de identidades pelos alunos e reafirmação de seus pertencimentos étnico-culturais, trabalhando, assim, o exercício e o respeito à diversidade.

SOBRE A AUTORA

Professora de História na rede Pública Municipal e Estadual, Graduada em Administração pela Universidade CEUMA, Graduada em Direito e em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Especialista em Geo-História pela Faculdade Evangélica do Meio Norte (FAEME) e Mestranda em História (PPGHIST/UEMA).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONFIM, Josafá. **Ipixuna: tempos áureos da Ribeira do Mearim**. São Luís: 360° Gráfica e Editora, 2015.
- BONFIM, Josafá. Sanzaga: **Resgate de uma história**: São Luís: Lithograf, 2004.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB, lei 9394**, de 20 de Dezembro de 1996. Brasília, Senado Federal, Coordenação de Edições técnicas, 2017.
- BRASIL, **Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Parecer CNE/CP 3/2004. P.O.V. 19 de maio de 2004.
- BRASIL. **Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Brasília, DF, 2003. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm . Acesso em 29 de abril de 2020.
- KOMINECK, Andreia Maila Voss; VANALI, Ana Crishstina. **Presença Africana no Brasil: desafios contemporâneos**: In: KOMINECK, Andreia Maila Voss; VANALI, Ana Crishstina (orgs). Roteiros temáticos da diáspora: caminhos para o enfrentamento ao racismo no Brasil. Porto Alegre, RS: Editora FI, 2018.
- MACEDO, José Rivair. **História da África. Questões epistemológicas, conceituais e didáticos pedagógicos de seu ensino**. In: KOMINECK, Andreia Maila Voss; VANALI, Ana Crishstina (orgs). Roteiros temáticos da diáspora: caminhos para o enfrentamento ao racismo no Brasil. Porto Alegre, RS: Editora FI, 2018.
- MACHADO, Aldibênia Freire; OLIVEIRA, Eduardo. **Africanidades, Legislação e Ensino. Educações para relações étnico-raciais, lei 10.639, filosofia e ancestralidade**. In: KOMINECK, Andreia Maila Voss; VANALI, Ana Crishstina (orgs). Roteiros temáticos da diáspora: caminhos para o enfrentamento ao racismo no Brasil. Porto Alegre, RS: Editora FI, 2018.
- NASCIMENTO, Vanderlucia Silva. **Entrevista concedida a Carla Milena Miranda Carvalho**. São Luís Gonzaga do Maranhão. 06 de Jun de 2021.
- Comunidades Quilombolas de São Luís Gonzaga do Maranhão. In: **Museu Afro-gonzaguense Ivaldo da Silva Ribeiro**. São Luís Gonzaga: 2008.
- SILVA, Edgnaldo Rocha da. Quilombos e quilombolas no Brasil? Comunidades remanescentes e sua luta pelo acesso e permanência na terra. In: KOMINECK, Andreia Maila Voss; VANALI, Ana Crishstina (orgs). Roteiros temáticos da diáspora: caminhos para o enfrentamento ao racismo no Brasil. Porto Alegre, RS: Editora FI, 2018.

REFERÊNCIAS DAS ENTREVISTAS

- COSTA, Raimundo Nonato. **Entrevista concedida a Carla Milena Miranda Carvalho**. São Luís Gonzaga do Maranhão. 04 de Jun de 2021.
- FRAZÃO, João Luís. **Entrevista concedida a Carla Milena Miranda Carvalho**. São Luís Gonzaga do Maranhão. 04 de Jun de 2021.
- LEITE, Emília Costa. **Entrevista concedida a Carla Milena Miranda Carvalho**. São Luís Gonzaga do Maranhão. 04 de Jun de 2021.
- GOMES, Eronilson Viana. **Entrevista concedida a Carla Milena Miranda Carvalho**. São Luís Gonzaga do Maranhão. 06 de Jun de 2021.
- SILVA, José Augusto Nascimento da. **Entrevista concedida a Carla Milena Miranda Carvalho**. São Luís Gonzaga do Maranhão. 05 de Jun de 2021.
- SILVA, José Gomes da. – **À sombra do rio: a saga de Ipixuna** – São Luís: JÁ A Viegas Editora
- SILVA, José Gomes da. – **Terra do Cuxá**./ José Gomes da Silva. São Luís, MA: Viegas Editora, 2020. 308p
- SILVEIRA, Francisca dos Santos. **Entrevista concedida a Carla Milena Miranda Carvalho**. São Luís Gonzaga do Maranhão. 05 de Jun de 2021.
- SILVEIRA, Iracema dos Santos. **Entrevista concedida a Carla Milena Miranda Carvalho**. São Luís Gonzaga do Maranhão. 05 de Jun de 2021.
- NASCIMENTO, Vanderlucia Silva. **Entrevista concedida a Carla Milena Miranda Carvalho**. São Luís Gonzaga do Maranhão. 05 de Jun de 2021.